

S A Ú D E

A saúde pública está agonizando na UTI

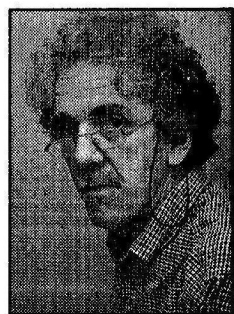
A sociedade começa a se organizar para fazer valer o direito constitucional de saúde a todos cidadãos brasileiros

Eliana Silva

Um prato vazio foi o alerta da sociedade para a fome de 32 milhões de brasileiros. Antes que um corpo abandonado sobre uma maca se torne o símbolo perverso da Saúde no Brasil, a sociedade se organiza novamente para fazer valer o direito constitucional de saúde aos cidadãos. No dia 2 de setembro, um ato público marcará o início da Campanha em Defesa da Saúde, e da Vida e pelo Impeachment à Doença.

Promovido pela Federação Nacional dos Médicos e pela Plenária Nacional de Saúde, o ato será no Memorial JK e culminará na entrega ao presidente Itamar Franco de um documento com o diagnóstico da saúde do País. Estão convidados para a manifestação o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, dom Luciano Mendes, o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Barbosa Lima Sobrinho, do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, parlamentares, médicos e a população do Distrito Federal.

"Infelizmente, nós médicos que fomos treinados para preservar a vida, nos vemos agora obrigados a optar pela morte. Se o remédio é pouco, se não dá para todos, se a UTI não tem vaga para todos, se não há como internar todos, o médico tem que ter critérios de prioridade para internar os salváveis, os mais jovens, aqueles cuja doença seja reversível, em detrimento dos outros. Ele fica com a dolorosa missão de selecionar pessoas que terão acesso ao direito de vida", alerta o presidente do Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal, Júlio César Meirelles Gomes.



Júlio César: agora opção é pela morte



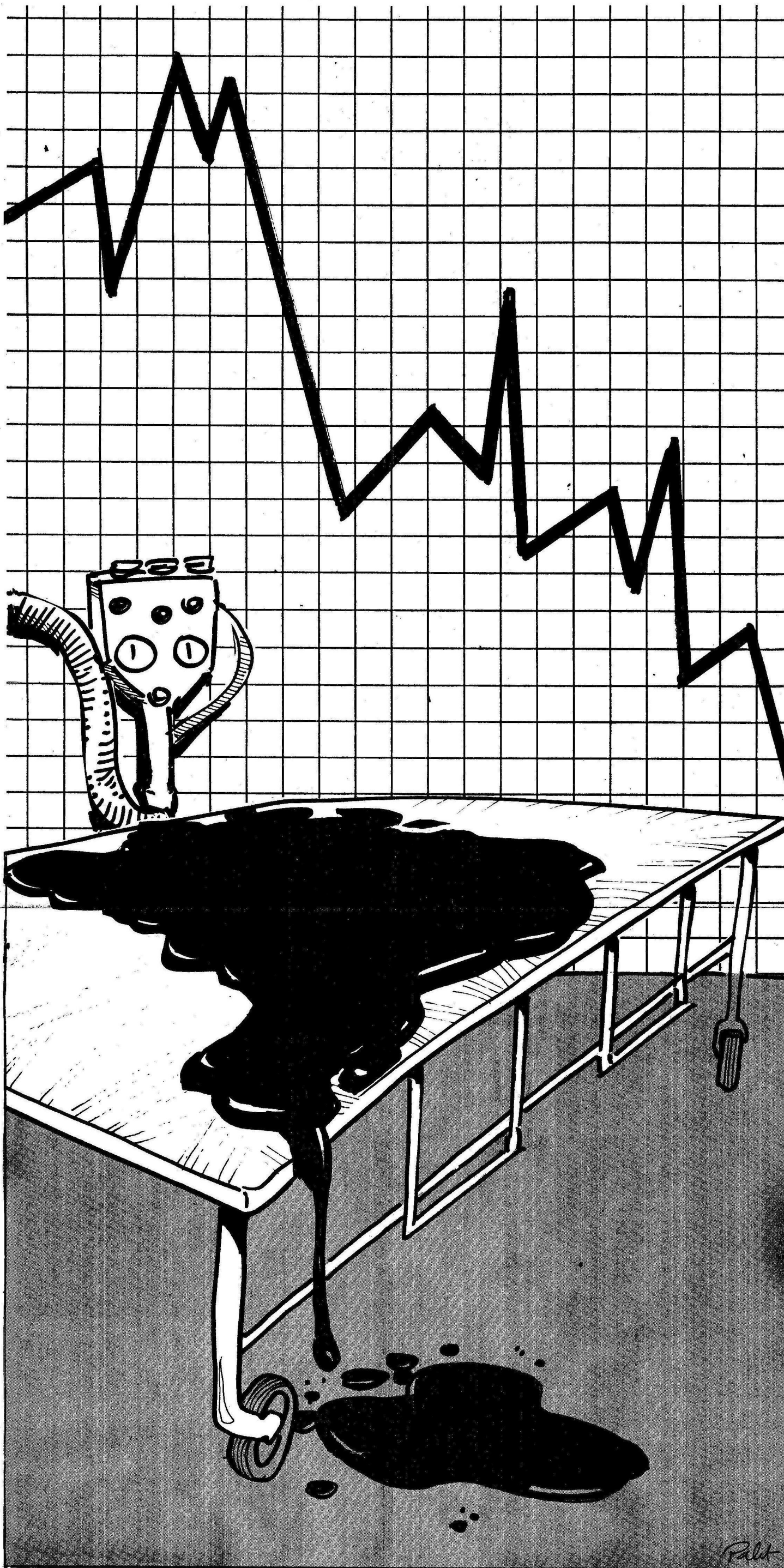
Maninha: mutirão contra as doenças

Missionários

— Os médicos dos grandes centros urbanos estão sendo massacrados pela precária condição de trabalho, pelos baixos salários, por falta de medicamentos e de equipamentos hospitalares. "A população tem que entender que ela paga impostos, que tem direito à saúde e cabe a ela cobrar do Governo Federal a garantia desse direito", assevera a presidente do Sindicato dos Médicos, Maria José da Conceição, Maninha.

O ato público do próximo dia 2 tem essa missão: mobilizar os brasileiros para salvar a Saúde. Segundo Maninha, a idéia é instalar comitês de saúde em todo o País e deflagrar uma campanha semelhante à de combate a fome para dar um impeachment à doença. "Temos o compromisso de oferecer uma medicina de qualidade para a população", lembra o presidente do CRM, Júlio César Gomes.

O colapso da rede hospitalar do País tem reflexo no Distrito Federal? A presidente do Sindicato dos Médicos explica que a Fundação Hospitalar tem hoje 2 mil 700 médicos, quando o ideal seria 3 mil 500. Os 900 enfermeiros teriam que ser triplicados para atender a demanda de pacientes, lembra Maninha. O quadro de nível médio tem um déficit de oito mil pessoas. "Brasília não vive o drama de São Paulo e Rio de Janeiro, mas está próxima dessa realidade. Se visi-

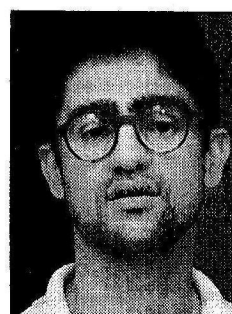


tarmos um hospital, o do Gama por exemplo, vamos confrontar com uma realidade assustadora. Pacientes esperando em macas, má qualidade de serviço, e doenças que se agravam por infecções hospitalares", resume a médica.

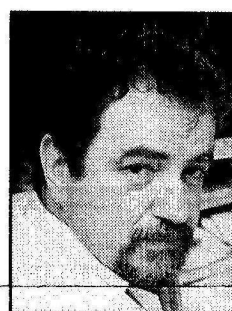
Na linha de frente — Os médicos deparam com esse quadro diuturnamente. "Deixamos de atender, em média, dois casos por dia na UTI do Hospital Regional de Taguatinga", lamenta o médico Sinval Antonio da Silva. A UTI de Taguatinga tem quatro leitos para atender aos pacientes de Taguatinga, Ceilândia, Brazlândia, Samambaia, entre outras. O chefe da UTI, Ivan Castelli, reivindica há quase dois anos a duplicação do número de leitos no setor. Com o número reduzido de leitos, o médico é obrigado a optar por um ou outro paciente para salvar. "Isso é grave, pois não temos vaga para aqueles que precisam de UTI", relata o intensivista da UTI Sinval Antônio da Silva.

"No país inteiro, há uma carência enorme de recursos para a saúde pública. Muitos hospitais estão sendo fechados, outros li-

mitam, em muito, o tipo de atendimento, isso no eixo Rio-São Paulo e fora dele", explica o diretor do Hospital de Base do Distrito Federal, o cardiologista Lairson Vilar Rabelo. Ele ressalva que ante estas dificuldades, Brasília, em termos de medicina pública ainda tem o melhor atendimento do País. "Temos uma rede de 11 hospitais, todos funcionando, há um esforço da Secretaria de Saúde no sentido de manter todos os hospitais funcionando, em que pese todas as dificuldades por que passamos", defende o cardiologista.



Sinval Antonio: sem leitos na UTI



Lairson Vilar: estão faltando recursos

O diretor do Hospital de Base também lembra que a rede do Distrito Federal recebe paciente de fora. Cerca de 60 por cento dos pacientes do Hospital de Base são de outros estados. "Enfrentamos, com isso, problemas de equipamento, manutenção, de pessoal, que procuramos superar, porque não podemos mandar os pacientes de volta ao seu estado de origem".

Denúncias — Julio César Gomes, presidente do CRM, faz uma avaliação mais contundente de alguns setores do Hospital de Base. "A Neurologia e a Neurocirurgia estão alarmadas com a situação de trabalho, e os médicos já mandaram para o Conselho diversos documentos, desesperados, pedindo uma solução urgente", explica o pneumologista. O CRM notificou o Secretário de Saúde sobre as condições precárias dos dois setores: "Os médicos não conseguem trabalhar e os pacientes mal conseguem sobreviver", resume o presidente do Conselho.

Por que o Conselho Regional de Medicina não interdita o local por falta de condição de trabalho? "Vai ser pior. Vamos privar a população de baixa renda do único local onde ela pode ser atendida num caso de traumatismo crânio-encefálico", explica Julio César Gomes.